

WALY SALOMÃO E AS ARTES PLÁSTICAS

Judite M^a de Santana Silva¹(UFPE)

RESUMO: *A Modernidade é marcada por uma forma de pensar a cultura como sendo a dimensão do processo social dentro de uma perspectiva pluralista. A contracultura dos anos 60 e 70 abriu a perspectiva da produção de invenções, transformações e cruzamentos antes insuspeitados. O panorama da poesia finissecular brasileira, permitiu a “os poetas reinventarem uma coerência própria, assumindo a herança modernista e apropriando-se do laboratório dos Concretistas ao expandirem a poesia dos anos 70”. Waly Salomão, poeta multimídia, surge neste contexto, mostrou a miscigenação da cultura brasileira e mundial num diálogo entre a literatura e outras artes, relacionando o estado presente da arte e suas projeções para o futuro.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura, poesia, música, artes plásticas.*

No final da década de 1950 e de 1960, no Brasil, no campo das artes plásticas, a partir do Concretismo e do Neoconcretismo, os artistas de vanguarda, baseados em considerações e experimentações sob alguns aspectos semelhantes, mas, sob outros, diferentes das que haviam sido feitas na Europa pela vanguarda histórica, sentiram a necessidade de quebrar as compartimentações, as categorias e os gêneros artísticos.

A Modernidade é marcada por essa forma de pensar a cultura como sendo a dimensão do processo social dentro de uma perspectiva pluralista. Ao pôr em xeque as hierarquias culturais tradicionais, bem como as formas convencionais de arte e vida, a contracultura dos anos 60 e 70, não só no Brasil, mas em todo o mundo, abriu a perspectiva da produção de invenções, transformações e cruzamentos antes insuspeitados.

Nos anos 60 e 70, depois de grandes poetas que marcaram a história da literatura no Brasil, como Bandeira, Drummond, João Cabral, entre outros, a poesia brasileira aponta por um espaço de renovação literária: discos ao invés de livros, encartes no lugar de páginas; assim a literatura vai buscar morada em outras artes. Não se pode esquecer que considerações recentes sobre a literatura comparada têm conferido notáveis impulsos às aproximações entre a Literatura e as outras artes. A multiplicação desses significados permite e até solicitam múltiplas leituras. Os poemas também não permitem mais uma leitura unilateral, por que ocorre neles um estilhaço temático e uma mistura de vários tipos de discurso que desencorajam a leitura homogeneizadora (Mallarmé, Apollinaire, Pessoa, etc). A aparição desse elenco temático não escolhe escolas nem talentos.

No panorama da poesia finissecular brasileira, marcado por um competente e profissional hibridismo de formas e expressões, de meios e tribos, como afirma Heloísa Buarque de Hollanda “os poetas reinventaram uma coerência própria, assumem a herança modernista, apropriam-se do laboratório dos Concretistas e expandem a poesia dos anos 70”. Vale salientar que o momento político brasileiro inaugurado no começo dos anos 60

¹ Judite M^a de Santana SILVA, doutoranda em Teoria da Literatura pela UFPE
E-mail: juditebotafo@gmail.com

requisitou uma nova resposta efetiva dos artistas em suas produções e uma nova perspectiva crítica às suas obras.

Waly Salomão é um desses, uma figura que surge no cenário artístico-literário nos anos 60, bebe na conturbada fonte das contraculturas dos anos 70, em que forças poéticas e plásticas tensionam os arcos que levam do corpo ao universo, e aporta nos dias atuais como pérola cultivada, como gruta que resiste. Poeta multimídia (ensaísta, letrista, produtor cultural, músico, editor, escritor e poeta) mostrou a miscigenação da cultura brasileira e mundial e a articulação de elementos de diferentes vertentes da arte, estabelecendo o diálogo entre a literatura e outras manifestações artísticas, relacionando o estado presente da arte e suas projeções para o futuro.

O baianárabe aprendeu cedo a arte da negociação. Como Serelepe Mercúrio da Mitologia greco-romana, soube articular idéias e conceitos e vendê-los como artigos culturais. Diga-se, artigos bem acabados, sofisticados, misturados de tradição erudita e popular. Sem desprezar a tradição Waly transita entre valores canônicos e valores emergentes para “escutar” a plurivocidade no âmbito da lógica multicultural.. O que fascina Waly é a diversidade, diz como Montaigne “o que encontramos nas coisas mais semelhantes é a diversidade, a variedade. Nesse sentido, ver-se em Waly o discurso montaigneano: “contentar-se é sinal de falta de fôlego ou dilacidação”. Este é o retrato da poética walyana que soube conjugar de maneira aberta e infinita diversos saberes e códigos numa visão pluralista e multifacetada do mundo. Sua luta era contra uma identidade fechada, esse lugar demarcado. Para Waly a identidade cultural tem que ser uma espécie de rizoma, se avizinhar de outras artes, outras culturas. Hábil no intercruzamento de várias artes e seus significados pra mostrar sua crença na poesia como convergência das letras, das linguagens, das artes, em que o risco não é adotar este ou aquele recurso formal, ou expressar este ou aquele estado de espírito, mas justamente, combinar todos os vértices.

Nele os diferentes signos interagem como processos produtivos de linguagens. Senhor dos códigos, das línguas e das linguagens, valeu-lhe o título de *Qwalyssinos*, por Antonio Risério ao abrir a 2ª edição de *Armarinho de Miudezas* (1993). E nessas convergências nos oferece um discurso plural; das diversas codificações não restritas à palavras. Tal conduta é coerente com a prática artística no séc. XX, caracterizada por um processo constante de hibridização e diluição de fronteiras através de procedimentos interartes. Num estilo enviesado narra memórias de episódios artísticos poéticos e reflexões sobre Literatura e Arte. Para Waly, este é o legado verdadeiramente radical do “espírito novo” que as vanguardas latino-americanas transmitiram aos seus respectivos contextos nacionais.

Um dos gestos iniciáticos dessa nova ordem de linguagem e das expressões da arte, foi o projeto *Navilouca* idealizado junto com Torquato Neto no início dos anos 70. *Navilouca* era uma revista rica em poemas visuais que, hipoteticamente, transcenderiam a barreira da língua. A idéia com a *Navilouca* era juntar trabalhos das mais diferentes tendências, mas que pudessem se enquadrar dentro de um projeto de fundação de uma nova linguagem. Nomes como Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Hélio Oiticica, Lígya Clark, Caetano Veloso, Torquato Neto, Waly Salomão, Chacal, Ivam Cardoso, Oscar Ramos e Luciano Figueiredo, procuravam criar novas formas de comunicação, romper com o estabelecido, introduzir a resistência nos canais legitimados pelo sistema.

Essa relação em Waly se dar pelo comprometimento com a idéia de vanguarda, de criação de um *design* novo para a vida, independentemente dos desígnios da miséria, da opressão e da condição humana. Waly é um poeta multicultural, desde os anos 70 tornou-se

uma referência constante na produção artística do país, se destacou em várias frentes, soube fazer como poucos a mistura de várias formas de expressão, da música à Filosofia, da poesia às artes plásticas. Waly vê essas outras linguagens como novas possibilidades de expressão.

Com Hélio Oiticica, trocou experiências poéticas, artísticas e ideológicas de raro valor. O Arquiteto e Antropólogo Social Lauro Cavalcante chega a firmar que é raro privilégio navegar Hélio Oiticica pelas mãos de Waly: identidade de princípios, olhar de poeta, proximidade de cúmplice e clara complexidade de fino intelectual é o que afirma o artista Lauro, ao apresentar o livro “Hélio Oiticica, qual é o Parangolé”? (2003). Reciprocidade absoluta é o que marca as visões que Waly Salomão e Hélio Oiticica souberam partilhar e expressar no mais elevado plano de reconhecimento que um artista pode obter do outro. Sua obra “O Mel do melhor” é também dedicada a Hélio Oiticica.

A vanguarda brasileira para Oiticica estava construída sobre 3 bases distintas e complementares – a participação do espectador na obra, o estatuto de uma nova objetividade e pela presença do objeto (a obra de arte não mais pensada em seus meios expressivos tradicionais como a pintura ou a escultura).Corroborando com essa relação inevitável entre poesia e arte Bakhtin afirma que não se pode isolar o estudo da Literatura das outras artes. A Literatura não é um mero reflexo, ela é capaz de antecipar desdobramentos em outras artes. Afirma ainda o teórico que a interação com uma obra de arte, além de ser um processo ativo, é também um processo criativo. O artista, diz Bakhtin, é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixado numa obra de arte.

Segundo Luciano Figueiredo, os trabalhos de Hélio Oiticica demonstram a transformação da “idéia” de arte moderna européia pela visão de indivíduos que são considerados ainda pertencentes à assim chamada periferia. E para Waly, em Oiticica, o parangolé nasce da constatação da contingência, nada de decorativo ou polido. Surge da vontade de apreender o sentido bruto do mundo em seu nascedouro. Cumplicidade e simbiose com as agruras e a volta por cima daqueles que na metáfora geométrica constituem a base da pirâmide social; daqueles que vivem, o mais das vezes, de bicos, de bocas, de expedientes, de subempregos, de camelotagem “O parangolé foi a visão de um pára da família humana que transformava o lixo que catava nas ruas num conglomerado de pertences. “ Quero porém observar o parangolé em primeiro lugar como parte do processo brasileiro de radicalização do construtivismo.”

Hélio interage com a cultura dos guetos sociais, pobres, onde predomina população negra, e traduz sua experiência existencial numa forma que abre novos caminhos para a arte. Que interpretação se poderia dar ao parangolé? E que semelhança há com a poética de Waly? Parangolé uma capa iniciática? Hélio o chamava de “antiarte por excelência”.Trata-se de um espécie de capa (lembra ainda bandeira, estandarte, tenda) que não desfralda plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos ou as impregnações de seus suportes materiais (pano, borracha,tinta, papel, vidro, cola, plástico corda, esteira) senão a partir dos movimentos- da dança- de alguém que vista. O parangolé não é apenas para ser visto, como uma pintura, mas tocado, vestido. O corpo compõe com o parangolé que veste uma unidade sempre nova. O ato de vestir a obra já implica uma transmutação expressivo-corporal do espectador.

Hélio Oiticica reuniu os sobejos da capital, tudo que a cidade grande rejeitou, tudo que ela perdeu, desdenhou; Tudo que ela quebrou ele cataloga, coleciona. Ele examina os arquivos do deboche, o cafarnaum dos refugos, os lixos reminados pela divindade da indústria para construir seus Parangolés e diga-se, muito bem hiperintertextualizado. Em modo igual, Waly constrói suas Algaravias: misturas de tradição erudita e popular, pseudopopular, até do escrachado, ao desbundado e transforma numa linguagem de maior acessibilidade, numa nova ótica, novo produto estético. A poesia de Waly lírica e agressiva, marginal e discursiva aponta, ao mesmo tempo, um grito, um confronto entre discursos sociais mais amplos.

Heloísa Buarque de Holanda chega a afirmar que a Navilouca Walyana, o barco embriagado, encarregava-se de recolher a intelectualidade desgarrada, louca, cuja marginalidade é vivida e defendida por conceitos produzidos pela ordem institucionalizada. Tanto Oiticica nas artes plásticas quanto Waly com elas e a poesia, tentaram, como diz Ferreira Gullar, pretender que sua arte tivesse a virtude, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que nasce das mãos e do espírito dos homens.

A relação entre Waly e as artes plásticas é perceptível desde o início de sua carreira, sobretudo, o sentido que sua obra Expressa: a pulsão surreal dele com a pulsão cubista. Waly era muito ligado a Rogério Duarte, o grande *design* do tropicalismo; e não se pode negar que a grande ligação com o Neoconcretismo evidencia essa relação de Waly com as artes plásticas, poemas-processo, a ressonância do cotidiano. Nos anos 70 publicou uma série de poemas visuais, “*babilaque*” os quais foram impressos em algumas revistas experimentais brasileiras, como “Muda” (dirigida por Regis Bonvicino) e “Katalok” (por Arnaldo Antunes e Omar Khouri). Luciano Figueiredo escreveu sobre os poemas visuais de Waly: “revolucionária ACLOPAGEM de signos”. Ziguezagueia por entre o sonho futurista, ideogramas vertovianos, Caligramas, Godard, Parangolé e Serafim Ponte Grande”. Em 1981 dirigiu junto com Lygia Pape e Luciano Figueiredo o projeto “Hélio Oiticica”, no Rio de Janeiro, destinado a reservar, analisar e divulgar as obras do artista; Em 1999 participou da revista “Medusa” número especial com mostra de poesia e artes plásticas da produção contemporânea.

Segundo Paulo Sérgio Duarte nos anos 70 expande-se o território de investigação do artista plástico, como no Balé Neoconcreto de Lygia Pape e Reynaldo Jardim. É introduzida a participação do expectador; primeiro da exploração das múltiplas fisionomias que a obra poderia assumir, nos *bicos* de Lygia Clark (1920-1988) e; nos *bólides* de Oiticica (1937-1980). Depois, no corpo introduzindo na própria constituição da obra, nas experiências de Oiticica nos seus parangolés, e da mesma intrigante Lygia Clark. As muitas fisionomias dos bichos de Lygia Clark, a capa de Oiticica, as máscaras em Waly. Capa é como se fosse máscara mágica que não remete para uma ancestralidade arquetípica nem para um presente que se anula enquanto presente quando se coagula ou muito menos para um futuro utópico, afirma Waly “Poeta não tem faces, tem máscaras e cada um que porte a sua com a qual julgar ter mais afinidade”.

Por mais que se fale da obra Walyana resta sempre, como no primeiro momento, linguagem, sujeito, ausência. Sua escrita não forma segmento específico, não tem limites claramente definidos. Ela se atropela constantemente pelos diferentes códigos e visões que se aglutinam a sua volta gerando diferentes perspectivas e múltiplas leituras. Poeta treinado na teoria literária e de formação marxista pretende ser o homem dos múltiplos olhares.

Além da música e da literatura, as artes também lhes eram velhas companheiras: o poeta participou de diversas exposições com performances ou vídeos.

Entre o palco e o livro, entre a palavra e a imagem, entre o barulho e o silêncio, a produção de Waly vem sendo marcada por intensa reflexão acerca do sujeito e das suas possibilidades formais de expressão. Essa variedade foi, sem dúvida, a instrumentalização que o poeta contemporâneo pôde agenciar em proveito de um redimensionamento da criatividade e do exercício do imaginário. Waly gerou sua poesia entre livros, sons, imagens; são máscaras a descobrir, uma poética que pede leitores plurais e que ao lê-la são levados a se modificar, a buscar em "Dias de Salomão" os tantos outros sentidos em que a pluralidade e a diferença dão a tônica e, qualquer tentativa de homogeneização resultaria em puro fracasso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRAIT, Beth: **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. SP: Editora da Unicamp, 2ª Edição, 2005.
2. DUARTE, Paulo Sérgio: **Anos 70: a arte além da retina**; in: *Anos 70: trajetórias, Iluminuras*, SP, 2006.
3. FIGUEIREDO, Luciano: In: **Poesia Jovem dos anos 70**. SP: Literatura Comentada, Abril-Educação, 1982.
4. FIGUEIREDO, Luciano: In: SALOMÃO, Waly – **Hélio Oiticica qual é parangolé?** RJ: Rocco, 2003. p.66.
5. GULLAR, Ferreira: **Sobre Arte, sobre poesia (uma luz do chão)**. RJ: José Olímpio, 2ª edição, 2006. p. 152.
6. HOLLANDA, Heloísa Buarque: (org) **Esses poetas: uma antologia dos anos 90**. RJ: Aeroplano editora, 1998. p.17.
7. HOLLANDA, Heloísa Buarque: **Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde; 1960/70**, 2ª edição, brasiliense, 1981.
8. OITICICA, Hélio: **Aspiro ao grande Labirinto**. RJ: Rocco, 1986. p.79.
9. PERRONE-MOISÉS, Leyla: *Texto, crítica, escritura*. SP: Martins Fontes, 2005. p.61.